



Gaiato



Visado pela
 Comissão de Censura

OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES ANO IX N.º 226 PREÇO 1\$00

Do real objectivo da minha viagem

Filhos criados trabalhos dobrados. Por amor deste rifão, lancei-me a caminho de Africa ver os filhos que já lá tenho e estudar a possibilidade de mandar outros. Não podia, naturalmente, fugir à minha sombra nem evitar a minha presença. Eu sou o agente de uma Obra fundada na



O Senhor Max Turnheer

Altíssima Pobreza do Evangelho, por isso mesmo fui pedra reflectora da bondade de quem me via passar. Lá como cá e em toda a parte, a própria natureza de uma obra semelhante, tem em si a força de se bastar, comovendo as almas e abrindo as inteligências e provocando muita generosidade. Não é preciso sair da terra natal em cata de fundos. Eles estão aonde a obra estiver. Coloquemos as coisas no seu lugar. Profunde-se a verdade. Caiam as escamas dos olhos e viva-se da fé, como os justos. Tivesse eu ido com o fim de angariar dinheiro, causaria mais aborrecimento do que entusiasmo. Mas não. Eu fui dobrar os meus trabalhos.

Comecemos pela Ilha de Moçambique. Ali está o António Simões, estabelecido com uma Alfaiataria. É um rapaz que se fez homem. Eu vi a sua escrituração. Combate e defende-se bem. Ocupa três officiais. Progride. Entregou-me dois mil escudos, declarando: nós, os da obra, é que temos a obrigação de ajudar.

Passemos ao Luabo, aonde se encontram o Teles e o Amadeu, ao serviço da Sena Sugar. Estes dois rapazes são a ponte e de tal maneira abriam as portas, que eu tenho comunicação superior de enviar para lá quantos, como e quando quiser! A Sena Sugar está aumentando em 60.000 toneladas a sua actual produção de açúcar. Os empregados da Sena Sugar, só poderiam ter verdadeiramente conhecimento de quanto ganham, no dia em que tivessem de comprar à sua custa tudo quanto a Firma lhes concede. Pelo facto de serem seus empregados, qualquer um traz em si mesmo o salvo-conduto e tem primazia, para qualquer parte que vá e de qualquer forma que viaje. O actual Director da

Companhia, M. Turnheer, mais do que tudo, é o Pai de Famílias que dirige e aconselha e aflige-se com a sorte de cada um dos empregados. Ali a assistência social é completa. O carinho e interesse do actual médico, são inegaláveis. A Providência, que não é uma teoria, defende eficazmente os subditos da companhia, tanto na doença como na velhice. E por ramate destas boas notícias, a Obra da Rua, por meu intermédio e sucessores, está autorizada a propor e enviar para ali rapazes! Isto é que se chama angariar. Aqui temos o sentido pleno da minha viagem. Assim se dobram os trabalhos.

Em Lourenço Marques, só tenho a dizer bem do Manuel e do Barros e José Reis. Este encontra-se a caminho e espera dentro em pouco tirar carta e ser um aviador nas carreiras das nossas Províncias Ultramarinas! O Barros, foi posto ao meu serviço pelo seu Superior e guiou-me num carro durante os dias que ali estive. Tem o seu lar. Está seguro por um contracto. Ganha bem. Dá boa conta de si. Deixemos estes seis na Província de Moçambique. Passemos ao Congo Belga, aonde o



O António Teles

Cordeiro é mecânico de boa classe e paremos em Luanda. Aqui temos o Francisco carpinteiro, o César tipógrafo, o Herculano mecânico, o Amadeu carpinteiro e o Carlos Alberto mecânico. Tirando este, solteiro, todos os mais são casados com filhos e mui felizes. Alguns têm feito embarcar pessoas de suas famílias, a quem arranjam colocação. Vivem desafogadamente. Fazem pé de meia. Eu estive nas casas deles. O Francisco carpinteiro, espera entrar e residir brevemente na sua própria casa. Eu fui ver. É na Praia do Bispo. Tem 500 metros de quintal. Tudo isto é verdade. Tudo isto é maravilhoso. Tudo isto é um crédito para cada um destes rapazes que do nada se fizeram alguém. Tanto o Governador de Lourenço Marques como o de Luanda, me quiseram receber, tendo nós conversado das possibilidades de mandar sangue novo para

AO MICROFONE

Não foi somente nos púlpitos e nos palcos e ao ar livre que nós pregamos Cristo Ressuscitado; não foi. Também e muito particularmente em conversas radiofónicas, nós fomos o missionário do Padre Eterno. Não é verdade que tenhamos ido à Africa angariar fundos; porque fomos por lá um pescador de almas, e que nos atiravam jóias e dinheiro como em cortejo triunfal, mas não que houvessemos pedido nada a ninguém. Aceitavamos.

Esta palestra teve lugar ao microfone da cidade de Luanda, na véspera do regresso de Moçambique a Lisboa; e é uma satisfação às comissões de Lobito e Benguela e Catumbela e ainda outros povos aonde devia ter ido e não fui por me terem roubado a força, os trabalhos mai-los apertões da outra costa. Ela aqui vai. Queiram ter a bondade de ler o que outros escutaram:

«É com muito pesar que eu venho aqui dizer, sentir-me sem forças para ir ao Lobito e a Benguela e ainda a outras terras, aonde sincera-

mente contava ir, mas não posso. Isto compreende-se e eu espero que por isso mesmo todos me desculpem. Um mês na Província de Moçambique esgotou-me totalmente. Os jornais falam de quanto nos deram em dinheiro corrente, mas nada dizem, nem podem, de como e de quanto deixamos ficar. É um segredo. É um segredo divino. Revelamos Cristo Vivo. Semeamos nas almas a Sua palavra. Causamos alvoroço. Suscitamos resoluções. Abrimos a porta a grandes generosidades. Vimos entrar camelos pelo fundo de agulhas. É a boa semente lançada em bom terreno por um bom semeador. Tanto vale o judeu, como o maometano ou o hindú ou o ismailita e ainda o protestante. Não vi nem pressenti distinção de raças, nem de credos, nem de cores ou de política. Todos, por toda a parte, abriram os seus tesouros. Isto quer dizer que somos filhos de um Pai Comum. Isto quer dizer que o homem ainda é hoje o maior valor do mundo, porque espiritual. Por isso mesmo todo aquele que o defende e faz por curar as suas feridas, tem aceitação de toda a gente, e é escutado. Deixamos a semente e vamos construir mil casas no nosso amado Portugal. Em Lourenço Marques, duas senhoras, vieram de 400 quilómetros de distancia dizer-me que na circunscrição de Inharrime, são todos muito pobres mas querem dar uma casa. Elas traziam o cheque e pediram-me, a chorar, para que fosse deles, do povo de Inharrime, o pobre que viesse a habitá-la. Nós, os de Inharrime queremos ter um pobre na nossa Pátria, por nossa conta. Isto é amor do próximo, semelhante ao amor de Deus. Este é o material com que nos propomos construir as 1.000 casas. Sem planos de urbanização, sem verbas consignadas, com licenças presumidas; baseados na urgência e necessidade dos nossos tempos, esperamos encher Portugal de formosas habitações do Pobre. É o incendio. É a labareda! O Verbo se fez carne! Até aqui não tem sido assim. Vai o médico ver o doente da barraca, acende um fósforo e agacha-se para se inteirar do seu estado. Se vier a assistente social, terá de fazer na mesma. E também o sacerdote, se ministra sacramentos. Isto é e tudo fica como estava. Acha-se muito natural. A nossa doença é tal, que até se nos afigura ser justa, a situação daquele indigente. Oh heresia das heresias! Isto era, mas hoje, por Deus, já se dá fé. Vai-se curando a lepra. Estamos readquirindo a sensibilidade. Não somos só nós a fazer casas para pobres, segundo o nosso estatuto. Não somos só nós. Na nossa



O Amadeu Mendes

CONTINUA NA 1.ª COLUNA DA PAG. SEGUINTE

CHEGUEI CRÓNICA VICENTINA

Era manhãzinha quando o Júlio me pergunta das alturas que cidade era aquela e eu disse Lisboa. Era Lisboa. Lisboa a esfregar os olhos de mal acordada. Na Portela, a bem dizer, ninguém. Nós vínhamos de terras aonde o sol e a vida começam muito mais cedo e quase que estranhámos esta lentidão, que tem jeito de preguiça. Padre Adriano, por um equívoco, também não estava, mas depressa se apresentou. Dali aos Olivais foi um nada, aonde celebrámos e tivemos reunião duma breve hora; nós, os quatro padres da rua. Outro nada de tempo levou-nos ao Tojal. A noite desse dia dormiu-se em Miranda do Corvo. O Carlos Gonçalves, chefe do Lar do Porto, tinha preparado um almoço de primeira classe. Finalmente, dava o relógio três horas, quando os meus olhos saudosos deram em Paço de Sousa. Paço de Sousa e não Paços de Ferreira como muita gente diz e escreve e aonde muitos visitantes vão dar. Eles verdadeiramente não se enganam. Ali, no cemitério da vila, jaz Alguém que se exgotou totalmente ao serviço do seu semelhante.

Uma vez em casa começo a notar alturas e a meditar, tendo chegado à conclusão de que já não faço falta; tudo como se eu estivesse: as obras que trazemos em curso não foram suspensas, continuando com pão e caldo os operários e seus filhos. Os pobres do Barredo foram sempre visitados e da mesma sorte aqueles confiados aos vicentinos de todas as nossas casas. O Lar do Porto aonde habitam os miúdos, fundou com estes uma nova conferência. A bicha dos visitantes não afrouxou, tendo sido visto aqui a dezassete de Agosto a maior concentração de que há memória—a Família Portista. A devoção de dar não diminuiu. Três quarteirões dos nossos rapazes tiveram ocasião de fazer o seu retiro espiritual, parte no Porto e parte em Coimbra; tendo sido pregador aqui o Padre João Evangelista e acolá o Abade de Baltar. Não se mudaram as horas. Não se mudaram os costumes. Todos os fi-

tipografia, já tivemos de reeditar uma grande edição dos estatutos acrescida com a planta e o alçado e mais notícias das casas já construídas. Sabemos de um industrial de Vizela que está construindo um grupo delas inspirado na nossa obra. Muitos párocos de muitas freguesias estão gritando alerta.

O Verbo de Deus fez-se carne! O Verbo de Deus fez-se sangue e habita entre nós! Esta verdade faz estremecer e é fundamentalmente por ela que nós estamos a erguer um mundo novo.

Não devemos considerar as quantias de dinheiro. Não devemos comparar, tão pouco criticar ou saber, quanto dá cada província e cada povo, o que importa é a semente que fica nas almas. Esta tem em si a vida eterna. E se não for agora, mais tarde há de germinar.

nalistas da 4.ª classe acharam empregos. Estão preenchidas as suas vagas nas nossas escolas com pequeninos da viela. Tudo concorda. Um só pensamento. Uma só finalidade. Um mesmo fervor. E por complemento necessário do milagre dos nossos tempos, continuam os cegos a ver mais e melhor. Quanto aos surdos, vai-lhes caindo a cera dos ouvidos. Se olharmos aos coxos, notamos que vão deixando as muletas. E até os mortos se vão erguendo da sua morte, e vai sendo mais reduzido o número dos escandalizados!

Milagres na Metrópole, milagres no Ultramar. Ali foi a presença de Jesus Nazareno. Jesus Nazareno que passa. Jesus que aflige e causa nas almas profundas dúvidas e inquietações. Tendo seguido de Luanda para a outra costa com intenção de cumprir, no meu regresso, os compromissos ali tomados, achei-me incapaz de os realizar, de cansado; e fugi no primeiro avião. Lourenço Marques foi o ponto mais nervoso, aonde me esperava um grupo de amigos de outrora, a quem dei o nome de os *Encanecidos*. Todos bem colocados e independentes. Nenhum houve de pedir tolerância de ponto pelas horas e dias que estiveram mais eu. Muito unidos. Muito prestimosos. Alegres, juvenis, prontos a combater o bom combate. De todas as coisas grandes que vi naquela terra, esta foi a maior. Mas há mais. Ele há mais; de entre o nosso grupo de então, houve um ou outro que ficaram para trás. Pois bem. Eu quisera que todo o mundo pudesse apreciar e tomar conta da atitude de silêncio e de dor de cada um dos fieis para com aqueles. Eu nunca na minha vida senti tão nobre e delicada atitude. Nada melhor. Nada mais perfeito porque nada mais cristão. Honra e glória aos *Encanecidos*. Possa eu ser um deles. Mereça eu ser sempre um deles. Chego à cidade da Beira e topo mais dois daquele tempo. Estes, em tudo e por tudo, identificam-se com os de Lourenço Marques. Também eles estão bem colocados e são independentes. Não assinam o ponto. No Luabo estaya um que por três dias ali me esperou, tendo regressado a Mutarara, horas depois de eu chegar. Este é criador de gado e produtor de laticínios. Em Quelimane também havia deles. Na cidade de Moçambique estava um que, além do mais, é do meu sangue; somos parentes. Ele foi o responsável pela forma como ali me receberam; até os sinos deram sinal! Dir-se-ia que alguém chegava de fora, mas não. Era alguém que estava lá. Alguém que ali reside há mais de trinta anos. A honradez ainda tem forças para levantar as pedras da rua. Vale a pena ser-se honesto. A uma palavra do meu primo Alvaro, ninguém ficou em sua casa.

Também na província de Mo-

Foi num dia pela tarde, que pela primeira vez, na companhia do nosso Pai Américo, fui até ao Barredo visitar os pobres. Andamos por Becos, Vuelas, Travessas e subimos andares. Eu não queria acreditar no que via e no que ouvia. Eu não acreditava que era possível um ser humano viver num buraco, onde nem sequer a luz do dia pode penetrar. E aqueles rapazes novos, que sofriam de doença pulmonar? Este foi o drama da minha primeira visita. Rapazes novos como eu, metidos naqueles buracos e sem possibilidades de salvamento. Ouvi o nosso Pai Américo perguntar: *Então não vais para um Sanatório?* A boca do doente abriu-se com muito custo e respondeu: *«já fiz o pedido há muito tempo, mas de lá disseram-me que não havia vaga».* Quem pode exigir que um rapaz como este, ame a sua Pátria ou o seu Deus? Ninguém. Mas con-

Os Nossos Livros

Vinha há dias num grande jornal um grande jornalista a dizer coisas grandes da crise do livro. Muitas razões a produzir, segundo ele. E dizia e dizia e dizia. Pois eu cá não. Eu digo que os nossos livros vão que nem manteiga. Duas edições de cinco mil foram-se em menos dum ano. Estão esgotadas. Anda actualmente no prelo a derradeira folha de *O Barredo* Fernando Preta já tem a décima folha dobrada. Júlio anda-me constantemente a seringar de como a capa há de ser. São dez mil. Espera-se que seja o livro de Natal de 1952. Agora o que eu venho pedir aos senhores é que liguem muita atenção à postalzinha que vai ser mandado, segundo indicação da ficha do último volume do *Isto é a Casa do Gaiato*. A dar ouvidos ao Manuel Pinto, são muitos os atrasados. Vamos a ver.

gambique eu não cheguei para as encomendas, tendo ficado a missa em menos de metade. Parecendo que não, é mui duro e penoso ser-se na terra Embaixador de Cristo; só uma idade moça e grande resistência física, de contrário não se pode. Assim me aconteceu. Vi-me obrigado a fugir, tendo dito que não às cartas, às comissões e aos telegramas que me chamavam. Não houve vila nem aldeia que o não tivesse feito.

Dizer das migalhas é impossível. O óbulo da viúva fez-se montanha. Simplesmente incrível!

E muitas e muitas e muitas. Ele dos presos das cadeias, ele dos doentes dos hospitais, ele dos lares mais humildes, aonde os olhos tolhados deixavam cair lágrimas. Os ricos do século não tiveram lugar.

tinuando na minha descrição; depois de visitar alguns pobres, o Pai Américo entregou-me uma família para ser socorrida pela nossa Conferência. Fiquei sendo o visitador desta família. Esta era composta por um casal e ainda filhos. Viviam num buraco. Quando as águas do rio subiam tinham que sair do buraco e pôr umas pedras em cima de tabuas aonde dormiam. Quantas e quantas vezes eles acordavam todos molhados. Para maior desgraça o casal não trabalha. Ela tinha dois cancros no ventre, ele, impossibilitado de movimentar os seus braços. Dos cinco filhos só um trabalhava. Dois eram pequeninos, pois tinham respectivamente três e seis anos. Havia mais uma rapariga de quinze anos, e um rapaz que tinha chegado há pouco de prestar serviço militar. Este foi também um quadro dramático que passou pelos meus olhos e que a nossa Conferência teria que resolver. Era um caso urgente em que não se podia pensar três vezes. Não podíamos permitir que aquela mãe morresse naquele buraco. Não podíamos permitir que aqueles dois pequeninos chorassem mais em volta de sua mãe, só porque não tinham pão. Estes são casos de vida ou de morte. Vida, se há alguém que se interesse por eles e os salve; morte, se todos os desprezam e deixam morrer naquela desgraça.

A nossa Conferência quis dar vida aquela família. Quis mostrar-lhes que lá por viverem num buraco como os animais, são seres humanos que pertencem à sociedade como quaisquer outros. Que fizemos nós? Começamos por alugar um andar. Armamos camas e instalamos a dita família. A doente foi proibida de se levantar, porque segundo a opinião do médico ela já não tinha cura. A despesa andava à volta de trezentos e cinquenta escudos por mês. Tivemos ocasiões em que as finanças da Conferência andavam muito baixas, mas o nosso Pai Américo sempre que era preciso acudia-nos.

O tempo foi-se passando. Isto era o passado. Hoje quero-vos contar em que situação se encontra esta família. A doente faleceu há dois meses, depois de tanto sofrer. Um dos filhos mais pequenos veio para nossa Casa, outro também pequeno e por ser rapariga foi para um Colégio de raparigas. O mais velho foi empregado nas Águas e Saneamento. Este casou-se há pouco tempo, como na crónica anterior

COISAS NOVAS

Enquanto por lá andava, tive ocasião de observar que, tal como por cá, havia muitos escandalizados, que queriam saber e perguntavam a razão de semelhantes apertos: como se explica isto de andar toda a gente atrás daquele padre? E também tive conhecimento da resposta dos que seguiam o tal: são coisas novas. Ele diz coisas novas. Nós vamos ouvir coisas novas. Ora tem graça que estando eu hoje de manhã ocupado com o meu livro de oração, também ali dei com uma coisa nova. Tão nova que me não furto a transcrevê-la:

Falar com Deus, — sempre.

Falar do próximo, — pouco e bem.

Falar de si mesmo, — nunca.

Isto é um programa formidável! Isto é duma simplicidade esmagadora! É verdadeiramente uma coisa nova! Tal como a mim, eu desejo que a todos os meus leitores esta novidade impressione numa constante renovação de espírito. Todos, digo, até mesmo os escandalizados d'além e d'aquém.

Noticias da Conferência da Nossa Aldeia

Regressei de África. Foram dois meses e pouco de peregrinação. No entanto, não faltaram por lá notícias dos nossos pobres de Paço de Sousa. Soube que choravam e que rezavam. E também que a nossa conferência continuava a sua Missão. Enfim, nada de retrocesso.

Porém, esta secção deu a entender aos leitores que estava morta. Nada disso. Por detrás do seu silêncio, brotou constantemente o fio de água, pequenino e certo, que alimenta os nossos Pobres. Basta a conferência estar viva, que o resto vem por acréscimo.

Trago boa impressão dos nossos territórios do Ultramar. São os Vicentinos. Soube o que por lá fazem e como fazem. Um, por tanto sentir, interiormente, a desgraça dum pobre desempregado, comoveu-se até ao ponto de adoecer! E conseguiu-lhe trabalho. Hoje é um funcionário dos «machimbombos» de Lourenço Marques. Ganha o pão com o suor do seu rosto e dá graças a Deus.

Júlio Mendes

informei, ficando a viver com ele, o pai e uma mais velha.

Esta é a situação duma família que há dois anos vivia num buraco. Hoje sentem-se felizes. Vivem como seres humanos e não como animais.

Carlos Gonçalves

AQUI, LISBOA!

Uma nota que sempre me impressionou n' "O Gaiato" é a participação activa dos leitores.

Não há membros mortos nesta comunidade dos que escrevem, dos que dão motivo pra escrever e dos que lêem. Todos estes fazem «O Gaiato». E doutro modo não seria ele o Famoso!

E' uma vitória na campanha pela ressurreição litúrgica do povo cristão, pois que a Obra da Rua é um Altar onde se presta culto a Deus na pessoa do nosso irmão pobre.

A procissão para a Tipografia foi sugerida por um leitor. A ideia do Património nasceu dos nossos vicentinos. O nome deu-lho outro leitor. Em Angola—dizem os jornais—há entusiasmo pela extensão a todos os Postos da iniciativa daquele Chefe que recolheu entre os seus súbditos o preço duma casita...

Há dias chamaram-me a Lisboa. Foram revistas e roupas e livros e 3 600\$00 para assinaturas, Conferência, Património e 500\$ «para o que mais necessitarem». E foi alguma coisa mais. Foi o filho destes senhores que é engenheiro civil e se propõe construir uma casinha dos pobres em todo o lado onde fizer uma obra.

Um padrão como nem os dos Descobrimentos!

Diz ele que não custa nada. De uma casa grande sempre sobram pedras, cal e areia e uns tijolos... Resta a mão de obra e isso é à sua conta.

Este senhor vai trabalhar numa cidade da Beira Baixa. Espera o regresso do Pai Américo para pedir o terreno. A casa prontinha a entregará ele ao Património.

A boa vontade é a raiz de toda a esmola. Por aquela, esta cresce e frutifica. Por ela, este senhor acha simples a sua ideia. Quem de boa vontade dirá que não?

Oxalá outros engenheiros pisem os mesmos passos. Oxalá outras entidades que levantam grandes edificios, edificios «concupiscíveis» como ouvi a alguém, não temam segurá-los numa empresa da Divina Providência, que nunca falta aos a quem promete.

Mais de visitantes 10\$ e outro mata-borrão «tank» com 166\$00 para o Património, de alguns funcionários do Ministério da Economia.

A Vacuum marca presença com o seu contingente mensal de gasolina: 40 litros.

No Montepio, livros pagos, donativos vários e 250\$ moçambicanos que o Sr. P. Adriano trocará no Porto por outros tantos da metrópole, enquanto não surgir em Lisboa o cambista que faça o mesmo.

«Uma figueirense» veio ao Sul e não faltou no Tojal. Deixou 20\$ para a família numerosa do Bairro da Misericórdia e 60\$ para a Casa e bolachas (das de comer!) para os batatinhas.

Os «pais» do Carlos do Porto apareceram com a primeira prestação para uma casa dos pobres: 200\$. M. M. trabalhou horas extraordinárias e manda o resultado: 100\$. De Sapataria—Oeste, 20\$ de alguém que muitas vezes se lembra de nós.

A Sacor ofereceu e veio trazer

De CARLOS GALAMBA

à porta 110 litros de petróleo. E' o que se chama dado e arregaçado!

De Loures 80\$, de alguém que vive pobremente. «Um bom filho torna à casa paterna» com 150\$.

Para o Barredo, roupas de cama e de vestir e cobertores duma africanista que nasceu na Rua Mouzinho da Silveira. Livros, remédios, revistas, roupas e calçado (continuamos tão pobrezinhos neste capítulo) e cigarros para os pobres da conferência. Vão-se regalar, pois são dos finos!

Uma viuva em romagem deixa 100\$ para uma Missa por alma de seu marido. 100\$ abatidos por um fornecedor amigo. O Futebol Clube do Porto estima todos os gaiatos. Por isso, mesmo sem contar muitos adeptos entre os lisboetas, não desdenhou mandar-nos 11 bilhetes para a festa de despedida dum jogador no Estoril. Viva o Futebol Clube do Porto!

Do Palácio Nacional de Sintra, móveis e objectos reais. Quem somos nós?! Uma promessa pela passagem do 5.º ano, 50\$. E a irmã, «outra grande admiradora da Obra», junta 20\$. Para os pobres falados numa destas últimas crónicas 100\$. Os empregados dos Produtos Lácteos mandam o vale do costume, referente a Agosto. São 176\$. Visitantes deixam 10\$ e 25\$ e 150\$.

A Câmara de Loures mandou recado por um dos nossos vendedores. Fui assinei um papelinho e trouxe 3 000\$. Nunca ninguém pagou tão cara a minha assinatura!

Para a Conferência 20\$. Por carta, «para o destino que quiserem pois todos são bons», outros 20\$. Ora aqui está um atestado de confiança, graças a Deus.

E mais roupas e um roupão e uma gabardine E 30\$ por uma assinatura e 10\$ pelo «Pão dos Pobres».

Visitantes deixaram 94\$, bolos, lápis usados, borrachas, aparelhos e brinquedos novinhos em folha, que até eu tive vontade de brincar. 20\$ em troca de uma oração no dia 25 e um lençol para o bragal dos nossos pobres.

De Sacavém trouxe a maior carrada que a furgoneta já transportou. Até tive medo da polficia... São tigelas, chávenas, bules, açucareiros, etc., etc., etc..

Pelo êxito de outro exame 100\$. Amêndoas e figos secos. E mais chávenas com pires e facas.

Um fogão, que deixou derreiros o Zé da Póvoa e eu e mais o ofertante, que ainda teve de o trazer à rua e foi se quis...

De Vila Nova de Milfontes um vale de 48\$70 e outro de Lisboa com 30\$.

Outra vez no Montepio: Selos usados da Bazi Comercial da Beira. Um par de caças e estanho de «uma mãe sem filhos». Botões de punho em ouro e com uma pedra, cujo produto é em partes iguais para a Conferência do Tojal e para o Património. O brilhante junto pede orações por uma alma.

Um alfinetinho em ouro tendo escrito BÉBÉ, achado por um dos filhos de «uma Mãe de 6» deles.

Duas máquinas fotográficas já antigas, uma Zis-Ikon e a outra rogando orações por alma de Pedro Dória Nazareth.

E 100\$ mais 27\$50 de visitantes. E mais nada.

CANTINHO DOS RAPAZES

Este cantinho é uma dedicatória aos nossos grandes, por isso mesmo eu peço que cada um deles o leia e medite e guarde na sua carteira; ele é mais do que dinheiro. Ao chegar de África, soube que dois se perderam. Para um deles, havia eu preparado algures, uma cama prometedor, a qual terá de vir a ser ocupada por outrem. Seja como for, a perda destes dois, confirma a regra da nossa Obra. Pois que vem a ser a Obra da Rua? É uma grande Família Portuguesa que contém em si os elementos precisos para fazer de cada rapaz um homem de bem; — se ele quiser. Ora aqui está. Ora aqui temos. Aquele se é justamente o que faz do filho da Obra o homem útil e prestimoso; e sem aquele se, a Obra não pode fazer nada. Eis porque os dois se perderam.

Continuando com esta doutrina, eu gostaria que me dissessem a quem e para que presta um rapaz que chega aos dezanove anos sem ter adquirido o domínio de si mesmo. Que espera ele? Com quem conta? Nós, os Maiores da casa, estamos para aconselhar e orientar, mas espreitar não. Nunca.

Venda do Jornal

*** Escusado será dizer que a venda do «famoso» cada vez está a dar mais rendimento. Estas duas quinzenas passadas, e talvez esta próxima vendeu-se maravilhosamente bem.

E porque se vende bem? Devido à chegada do nosso Pai Américo! Todos os Snrs. perguntavam se «O Gaiato» trazia a sua chegada. Pois não houve tempo para o nosso Pai Américo escrever. E neste jornal que o nosso Pai adoptivo vos vai contar alguma coisa, sobre a longa viagem!

*** Quanto aos vendedores somos ao todo 10. Todos os quinze dias, lá vamos nós levar «O Gaiato» aos nossos fregueses do costume. Também no domingo vamos para várias terras: Viana, Guimarães, Santo Tirso, Famalicão e Braga. A todas estas terras nós vamos vender ao domingo. Em todas estas terras nos tratam com imenso carinho; principalmente em Viana, Viana vai à frente, no carinho que têm feito aos vendedores que lá se deslocam. Desta vez fui eu e o Presidente. Onde tomamos parte num grande banquete. O que havia nesse banquete!

Foi um dos nossos grandes amigos o Senhor António, que se casou. Este Sr. convidou-nos para assistirmos ao seu casamento. Diz ele: parece-me que sem vós não me sentia tão feliz. Não se pode descrever como foi a boda. Pois estavam presentes grandes amigos, do Senhor que nesse dia se sentia satisfeito com a sua Ex.ª Esposa a quem nós desejamos felices, e que sejam muito felizes. Mais uma família que tanto se mostram para com o Pai Celeste, desejando serem bons, um para com o outro. Assim vale a pena esar.

*** É neste próximo domingo que o Sr. Guimarães vem fazer a entrega dos prémios na presença do nosso Pai Américo. Vamos a eles... E eu também vou.

Manuel Henrique (Hélio)

Nota da Quinzena **PELAS CASAS DO GAIATO**

Descia eu pela avenida da nossa aldeia, quando vejo alguém que, entrando no portão, se dirigia a mim. Caminhávamos assim um para o outro. O tempo estava de chuva. Folhas caídas, diziam do Outono. Dezenas de rapazes apanhavam espigas nos campos. É o tempo das colheitas. Eu enxergo mal e só muito perto é que vi de quem se tratava. Era aquele homem de calos nas mãos, que, meses antes, neste mesmo lugar, me dissera estar morando num curral de animais com os animais. Como então se disse, eu resolvi ir ver e notei que o homem tinha dito verdade. Isto aconteceu em Fevereiro deste ano e no fim de Maio, ele mais a família eram decentemente instalados. Acontece que fui até às nossas províncias de África. Preguei o reino dos Céus. Lancei-me ao serviço de Deus e dos homens. Mudei de climas. Mudei de alturas. Também de terras, de lugares e de costumes. Cama e mesa foi de muitas maneiras. Sofri dores e sofri desânimos. E eis que no meu regresso, três dias depois da minha chegada, quis Deus que eu recebesse a benção dum trabalhador! Ele era descalço, umas calças de cotim por cima do tornozelo, camisa de riscado, um casaco com remendos e do braço esquerdo pendia-lhe um guarda-chuva. A mão direita foi à cabeça e tirou o chapéu. É um pai de sete filhos, sendo o último ainda de peito. Estávamos ali os dois. *Eu venho vê-lo, disse; eu venho ao seu encontro por me dizerem que tinha chegado.* Há um todo de alegria na sua expressão. Ele quer-me dizer o que foi ontem a cortelha e o que é hoje a Casa. *Quer, sim, mas não pode.* Ele não sabe. Convida-me para eu ir ver a sua horta e o seu jardim. Declaro-me que todo o verão levou a cavar fundo. Que fez uma parede pequenina a toda a volta. Que vai procurar obter uns metros de rede para assim lhe dar mais altura. Neste ponto o meu amigo faz uma pausa. Redobra de alegria, cresce um nadinha à frente e diz: *eu parece-me que vou lá ter batatas pra todo o ano.* Estávamos os dois no meio da avenida. O sol mostrava-se por entre nuvens. Passavam rapazes com gigos de espigas à cabeça. Este humilde trabalhador, escondido e ignorado, acabava de dar ao mundo uma estupenda lição de economia e resolvia o problema da sua numerosa família: *batatas pra todo o ano.* Isto significa que no dia em que nós formos capazes de dar a cada família pobre um bocadinho de terra, o chefe resolve por si mesmo os seus problemas, deixando de ser um encargo e até, por vezes, ameaça, para ficar sendo uma benção.

Nem são precisas Sociedades das Nações.

Chegado aqui, o feliz ocupante da casa do Património, entra no capítulo das árvores. Ele risca no chão. *Olhe, aqui vai ser uma pereira.* E ali ao pé de mim descreve, argumenta, ama a vida. Eu escutava silencioso. Ele continua: *se V. gostasse eu plantava também uma figueira à porta da cozinha.* Ele gosta. Ele deseja a figueira naquele sítio; mas quer que eu também goste, para que o seu gozo seja pleno.

É por último passamos ao jardim. O meu amigo continua a usar a sua fala eloquente, para me informar que também tem um jardim. É junto da porta da sala. Ele conhece o nome. Ele sabe que toda a casa decente tem uma sala. Com gestos e maneiras, tenta explicar-me a qualidade mai-la variedade das suas flores e aqui fica triste e deixa cair os olhos

no chão. *Eu tinha uma flor muito linda pra si e vai uma ovelha e comeu-a.* Levanta os olhos e acrescenta com muita decisão: *eu antes queria que me dessem na cara.* Irm sendo horas de nos separarmos. Ele quer saber o dia certo em que eu posso ir à sua casa ver e sentir a sua enorme riqueza e eu marquei. *Pede-me que não falte e que marque a hora.* Tornei a marcar e assim nos despedimos.

O Professor senhor Doutor Marcelo Caetano, andou por África nos dias em que eu também por lá andava. A Casa do Gaiato era assunto de todas as mesas. Gastaram-se por lá rios de afirmações, uns que sim outros que não. Pois bem.

Em Johannesburg, ouvi que Ele tinha dito algures: *a Casa do Gaiato é hoje a única obra séria em Portugal.* Em Leopodville, ouvi que Ele dissera: *a Obra da Rua é uma das coisas sérias de Portugal.* Seja como for, a força da Obra vem do Homem que aprecia. Eu fiquei naturalmente contentíssimo. Nós, como qualquer outro mortal, temos necessidade de palavras do alto. Dão-nos coragem. Às daquele Professor vem-se juntar hoje este formoso diálogo. Se única, se igual a outras não importa. Mas que ela, a Obra, é uma coisa muito séria nota-se e sente-se na flor que o meu amigo tinha no seu jardim, com intuito de ma dar. No desgosto que ele experimentou quando a ovelha lhe comeu: *antes queria que me dessem na cara.* E finalmente na figueira à porta da cozinha.

ISTO É A CASA DO GAIATO

*** Lágrimas não, mas tristeza sim. Ora se fosse noutra ocasião, não se me dava tanto, mas após a minha chegada, eu desejava naturalmente ver tudo a rir e a dar palmas; e não é assim. O Abel anda triste. O Abel anda muito triste. Foi o caso que ele e o Tino e o Hélio, chegados hoje da venda, vieram ter comigo, trazendo o primeiro no regaço, um garnizé às pintas de branco e amarelo. Abel corria-lhe as mãos sobre as penas. Abel fazia carícias. Abel deu-lhe um beijo no bico ao declarar-me que um senhor do Porto lhe tinha dado aquele formoso bicho. Até aqui tudo está conforme; eu tenho assistido a explosões de alegria em casos semelhantes. O pior foi o que depois se passou. Eu conto: Abel vai e coloca o garnizé no terreiro das galinhas, aonde três delas, chocas, conduzem três grandes ninhadas de pintaínhos. Garnizé, dá em picá-los a pontos de pôr alguns em riscos de morte! *O Macaco de Braga*, que tem hoje a obrigação das capoeiras, vai à cozinha e grita à senhora. Esta salta imediatamente pró terreiro das galinhas. Vê pintaínhos em sangue. *Macaco azeda a questão: olhe ali um quase à morte.* A senhora agarra no garnizé pelo rabo, dá-lhe uma grande tarefa e as coisas estão presentemente neste pé: o animal, triste e derrabado, está preso na capoeira. O Abel, não fala noutra coisa na oficina de alfaiate. Ele tinha lágrimas nos olhos quando me falou na prisão do seu garnizé. Resta agora saber o que de tudo isto pensará o senhor do Porto que, sem querer, veio armar um tal sarilho à minha chegada.

*** Já que falámos neste assunto, eu quero dizer aos senhores que, de

COIMBRA Há já algum tempo que acabaram os estudos mas só agora é que sai a notícia. Os resultados obtidos não foram maus de todo. Eles aí vão:

O Ratinho passou para a 3.^a classe da instrução primária. O Zé Maria passou para o 3.^o ano Comercial. O Zé Eduardo por diversos motivos escolares não fez o 5.^o ano dos Liceus. O Carlos Inácio que veio de S. João da Madeira aqui fazer o 5.^o ano do liceu não teve sorte nas provas orais.

Agora estamos em férias mas os dias escolares do novo ano abeiraram-se e é preciso começar a trabalhar. Para o próximo ano escolar já temos uma oferta da República dos Galifões para um rapaz que vem estudar para esta cidade e que é irmão dum dos actuais estudantes deste Lar. Este ano as taposas tiveram medo de nós e não apareceram em abundância. Não, porque cá em casa há uma cadela que lhes tratava da saúde.

Já que falei nos estudos não quero deixar passar esta altura para pedir aos caros leitores se nos podiam enviar um dicionário de Francês-Português e vice-versa e uma gramática da mesma língua visto que estes livros são bastante precisos para os nossos rapazes que andam a estudar nos liceus e Escola Comercial. Também aceitamos outros livros mas que sejam proveitosos não só para a nossa cultura como também para a nossa formação moral. A quem tiver a gentileza de responder ao nosso pedido desde já os nossos agradecimentos. A gramática é de língua francesa. Não esqueçam.

A Nossa Conferência.

Num dos últimos números, fiz um pedido para uma das nossas pobres. É a do Bairro das Latas. Ela tem 6 filhos. Não tem marido porque ele morreu há algumas semanas. São 6 bocas a alimentar, 6 corpos a vestir e calçar e tudo isto tem que ser feito com os seus braços ajudada por um dos filhos que trabalha numa fábrica desta cidade.

A esse pedido já responderam 3 pessoas e espero que outras lhe sigam o exemplo já que a mão de Deus lhe arrebatou o marido. Vieram 3 notas de 20\$00 e todas de diferentes pessoas. Uma do Porto em vale do correio, outra de M. e outra que diz a fechar: Para a pobre de Coimbra a quem morreu o marido. O caixão ainda não foi pago e está à espera que alguém o ajude a pagar. Somos nós porque ela não pode. São só 220\$00. Nada mais. A quem enviou e deseja enviar as suas dádivas desde já aqui deixo ficar Um Obrigado de agradecimento. Obrigado.

José Maria Fernandes

LAR DO PORTO — PEQUENOS A Conferência de S. Vicente de Paulo do Lar dos Pequenos está pronta a funcionar. Resta-nos esperar pelo nosso Mestre, que é o Pai Américo para iniciarmos mais uma cruzada em prol dos necessitados. Nós queremos que Ele participe nesta nossa alegria. Esta Conferência tem recebido muitos donativos, os quais passamos a descrever: De Caldas da Rainha cinquenta escudos, entregue ao Sr. Padre Adriano 200\$00, de um grande vicentino 100\$00, de um dos nossos rapazes que achou na rua, 50\$, para o pequenino do Barredo 50\$00 para a Dolorosa, entregue no Espelho da Moda 50\$00, para os pobres do Barredo 105\$00 de Braga e 165\$00 de várias ofertas. Estes são os primeiros donativos para esta Conferência. Agora há um problema a resolver ou sejam os subscritores. Há uma Senhora nos correios que resolveu arranjar para a Conferência dos Grandes cem subscritores, e para os Pequenos nada. Os senhores vejam se acodem aos Pequenos, porque enquanto os Grandes ficam com perto de du-

entre os melhoramentos que vim encontrar, um dos maiores é o das capoeiras. Dantes era uma, e só duas divisões; hoje contam-se por sete. Cada uma é uma sala com seu poleiro e bededeiros e tudo. Não há misturas. Riças, classes, qualidades, tamanhos, feitios, tudo separado. Dá gosto ver agora as nossas capoeiras mai-lo cuidado dos seus encarregados. Os senhores venham ver.

*** O Manel do Embrulho não se conforma com a falta dos pavões e não faz senão chorar atrás da senhora. Como é sabido, primeiro foi a pava e a seguir, com saudades, o pavão. Ambos morreram. Ora acontece que, tendo ido o Manuel mais a senhora aos pobres do Barredo, no regresso, não sei porquê, entraram no Bolhão. Manuel vê ali pavões. Manuel não me larga. Disse-lhe que eu ando agora cheio de dinheiro e ele acredita; *vá à Bolhão comprar pavões.* Mas eu não oiço e se oiço não faço caso. Tenho mais em que empregar o dinheiro.

zentes subscritores os deste Lar só têm oitenta. Quem nos ajuda a derrubar os Grandes? Esperamos que os nossos leitores façam como o Sr. Manuel José Rodrigues de Soure, que deseja ser subscritor da Conferência de S. Vicente de Paulo, mas dos Pequenos!...

Fernando Guedes

PAÇO DE SOUSA Foi no passado dia 17, que a Nossa Tipografia passou mais um aniversário.

É o terceiro ano, que faz parte das nossas oficinas, a tipografia. Temos trabalhado para Portugal, inteiro, e continuamos a trabalhar. É sempre bom lembrar os nossos leitores, que as nossas oficinas gráficas executam tudo, principiando pelos simples cartões de visita e acabando em jornais e outras obras importantes.

Querem saber os senhores quem são os nossos operários? São aqueles rapazes que ontem da rua, hoje são da Casa do Gaiato.

Mandem-nos trabalho, amigos, e ficarão satisfeitos.

Com autorização do Sr. P.^o Adriano, os maiores foram no passado dia 14 ao Porto, assistir a um desafio de futebol, entre Porto e Benfica, em homenagem a Barrigana.

Entramos todos para o magnífico Estádio das Antas pela mão do grande internacional do Futebol Club do Porto.

Também os gaiatos, simples e humildes, foram levar o seu abraço de admiração e simpatia a Frederico Barrigana.

A vindima das uvas brancas foi na quinta-feira. Os vindimadores eram todos pessoal da casa. Eu, do escritório onde trabalho, via passar de quando em vez, cestos delas, que se destinavam à nossa sobremesa.

A vindima das uvas pretas foi passado dias. Uma verdadeira alegria! As nossas oficinas ficaram vazias e o pessoal foi todo vindimar.

A noite, os maiores foram para o lagar, e ao som do harmónio, da viola e dos ferrinhos iam pisando as uvas. Este ano tivemos mais vinho tinto, que o ano passado. Em vinho branco foi o contrário.

Há dias, quando me encontrava junto com os meus compincheiros mais velhos, nas escadas da escola, onde diariamente nos juntamos todos, para ouvirmos alguns ensinamentos sob a nossa religião, perdi a atenção ao que estavam a dizer, e os meus olhos concentraram-se nas escadas do refeitório, onde nesse momentos desciam aqueles pequeninos rapazes, a quem nós chamamos «os batatas». Iam recolher às suas camas, depois de terem dado graças a Deus. E como eles corriam contentes, depois de mais um dia passado, e a barriguinha cheia. O mundo para estes inocentes é um céu aberto.

A inauguração do nosso salão de festas foi no dia 12 do corrente com um belíssimo espectáculo, em que colaborou o nosso já famoso orfeão. Assisti a esta festa o nosso Pai Américo e demais superiores. Veio também muita gente de fora, e o salão esteve cheio.

O nosso Pai Américo, mai-lo Júlio, já chegaram da sua viagem triunfal à África. Vieram de avião e chegaram ao Aeroporto da Portela de manhãzinha do dia 8. A esperá-lo estavam todos os Padres da Obra da Rua, e alguns gaiatos.

O Património dos Pobres e a Casa do Gaiato, foram a causa desta ida à África.

Quantas palestras, quantas conferências—tudo pelos nossos pobres. Esta viagem à África fica assinalada na história da Obra da Rua.

Já todos estávamos com saudades do nosso Pai Américo. Antes de vir para Paço de Sousa passou pelo Tojal, Coimbra, Miranda do Corvo e Porto. Graças ao nosso bom Deus chegou bem.

MANUEL PINTO

TOJAL O Carlos Alberto arranhou emprego na secção de oculista da farmácia Estácio que fica no Rossio. E fiquei eu a tomar conta do escritório e por isso me apresento como cronista. Agora como ele anda a aprender a oculista podemos andar todos com doença de vista porque ele remedeia...

Há dias fugiram-nos quatro rapazes que foram: Macedo, Sebastião, Sapo e Camões. Foram direitos a Lisboa; um foi direito a casa dele e os outros dormiram na rua. Passados dias a fome apertou-lhes e voltaram. O primeiro foi o Macedo, o segundo foi o Camões e o terceiro foi o Sebastião. Falta vir o Sapo, mais tarde ou mais cedo há-de cá vir queixar-se.

Mais uma oferta da Fábrica de Sacavém. Mandou-nos perto de mil e tal peças que nos estavam a fazer muita falta; já não tínhamos quase louça nenhuma e por isso agradecemos muito essa oferta e quando tiverem por lá mais alguma lembrem-se de nós.

No dia 8 de Setembro embarcou o sr. Padre André para ir fundar uma casa nos Açores.

Ficamos com muitas saudades dele. No dia anterior fizemos-lhe a despedida. O Pedro como mais velho da casa discursou o que sentia a respeito dele e no fim falou-nos ele de tal maneira que alguns até choraram. Que Deus abençoe a sua obra.

O senhor Engenheiro vai hoje para o Seminário. Diz que vai só o seu cadáver e que fica a sua alma enquanto não regressar o nosso Pai Américo.

VICTOR MANUEL HENRIQUES LOPES